

A MATRIZ EPISTEMOLÓGICA DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA: IMPLICAÇÕES FORMATIVAS

SÔNIA FILIÚ ALBUQUERQUE LIMA¹
SELMA CARVALHO FONSECA²
GIZA GUIMARÃES P. SALES³

Resumo: O artigo examina a matriz epistemológica da educação adventista a partir das contribuições de George Knight e Ellen G. White, focando especificamente nos conceitos de realidade e verdade. Parte-se da seguinte problemática: como os pressupostos epistemológicos educacionais adventistas podem ser sistematizados de modo a explicitar suas implicações para o currículo e as finalidades formativas? Em diálogo com Cadwallader, argumenta-se que a epistemologia confessional adventista se estrutura em torno da revelação bíblica como fundamento normativo do conhecimento, da compreensão de que toda verdade tem sua origem em Deus e da rejeição de pretensões de neutralidade axiológica na educação. A partir de White, destaca-se a tríade “cada um deve aprender por si, com o auxílio Dele, mediante a Sua Palavra” como eixo norteador dos processos de aprendizagem e das finalidades formativas. Sustenta-se que tais fundamentos convergem para a proposição de um currículo integral e restaurador, orientado pela formação plena do ser humano em suas dimensões intelectual, moral, espiritual, física e social. Conclui-se que a epistemologia da educação adventista configura-se como tradição intelectual e institucional historicamente concretizada, de caráter relacional, integral

10

¹ Doutora em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Professora aposentada da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: soniafiliu67@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-5131-5166>.

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Docente aposentada do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), Brasil. E-mail: selmacfonseca@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4939-6619>.

³ Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Docente no Mestrado Profissional em Educação no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), Brasil. E-mail: giza.sales@unasp.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6452-5047>.

e teleologicamente orientada pela revelação divina, tendo como horizonte a restauração da imagem de Deus no ser humano.

Palavras-chave: Epistemologia da educação adventista. Fundamentos. Cosmovisão. Verdade. Realidade.

THE EPISTEMOLOGICAL MATRIX OF ADVENTIST EDUCATION: FORMATIVE IMPLICATIONS

Abstract: The article examines the Adventist epistemological matrix based on the contributions of George Knight and Ellen G. White, focusing specifically on the concepts of reality and truth. The starting point is the following problem: how can the epistemological premises of Adventist education be systematized so as to articulate their implications for the curriculum and educational aims? In dialogue with Cadwallader, it argues that Adventist epistemology is structured around biblical revelation as the normative foundation of knowledge, the understanding that all truth has its origin in God, and the rejection of claims of axiological neutrality in education. From White's perspective, the triad "each one must learn for himself, with His help, through His Word" is highlighted as a fruitful axis for reflecting on learning, curriculum, methodology, and educational purpose. These foundations converge in the proposal of an integral and restorative curriculum, oriented toward the comprehensive formation of the human being in their intellectual, moral, spiritual, physical, and social dimensions. It concludes that the epistemology of Adventist Education may be understood as a historically embodied intellectual and institutional tradition, relational and integral in character, and teleologically oriented by divine revelation, having as its ultimate horizon the restoration of the image of God in humanity.

11

Keywords: Epistemology of Adventist Education. Foundations. Worldview. Truth. Reality.

1. Introdução

A educação adventista parte de pressupostos filosóficos claramente definidos. Seu fundamento epistemológico e axiológico encontra-se na Bíblia Sagrada, compreendida como revelação divina e fonte normativa para a verdade, a ética e o propósito da existência humana. Nessa perspectiva, o conhecimento não é entendido como construção autônoma desvinculada de referenciais últimos, mas como processo que se desenvolve à luz de uma cosmovisão bíblico-cristã. Outro pilar dessa proposta educacional encontra-se no pensamento de Ellen G. White, especialmente na obra *Educação*, na qual a autora associa a verdadeira educação ao desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, mentais e espirituais. Tal compreensão aponta para uma formação integral, que ultrapassa a mera transmissão de conteúdos e abrange a totalidade da pessoa (White, 2008; Knight, 2001).

A epistemologia adventista fundamenta a concepção de um currículo integral e restaurador, comprometido com o desenvolvimento pleno do ser humano em suas dimensões intelectual, moral, espiritual, física e social. Sua finalidade transcende a mera aquisição de competências acadêmicas, orientando-se pelo propósito maior de restaurar no educando a imagem de Deus, o que confere unidade, direção e sentido ao projeto educativo. Essa concepção perpassa todo referencial filosófico-educacional defendido nos escritos de White, os quais têm como referencial maior a cosmovisão bíblico-cristã.

A necessidade de sistematização epistemológica decorre do fato de que, embora a literatura adventista apresente bases filosóficas consistentes, sua articulação com questões como verdade, realidade, metodologia, currículo e finalidade formativa exige contínua explicitação teórica. Em contextos de planejamento, produção de materiais, pesquisa acadêmica e definição curricular, essa reflexão torna-se decisiva para fortalecer a coerência entre identidade confessional e prática pedagógica.

Cadwallader (2006) contribui de modo importante para essa discussão ao sustentar que toda proposta educacional decorre de pressupostos ontológicos e epistemológicos acerca da natureza da realidade, do conhecimento e do ser humano. A epistemologia da educação adventista, portanto, não deve ser entendida como complemento periférico, mas como expressão coerente de uma cosmovisão bíblica. Essa base filosófica não permaneceu apenas no plano teórico. Conforme analisam Sales e Castro (2020), a atuação de Ellen G. White foi decisiva para que os princípios educacionais adventistas ganhassem forma institucional concreta, orientando a criação de escolas, a formação docente e a definição das finalidades educativas. A epistemologia adventista revela-se, assim, como tradição intelectual e prática historicamente estruturada.

Diante disso, este texto tem por objetivo analisar como os conceitos de verdade e realidade podem contribuir para a sistematização de uma epistemologia da educação adventista, a partir dos escritos de George Knight e Ellen G. White. De modo mais específico, busca-se: revisitar questões filosóficas fundamentais concernentes à epistemologia; examinar, em Knight, a relação entre conhecimento, verdade e revelação; analisar, à luz de White, a proposição segundo a qual “cada um deve aprender por si, com o auxílio Dele, mediante a Sua Palavra”; e, por fim, indicar desdobramentos dessa perspectiva para currículo, metodologia e finalidade da formação.

2. Questões Epistemológicas Fundamentais

Ao tratar da epistemologia, George Knight remete a perguntas basilares da reflexão filosófica: a realidade pode ser conhecida? A verdade é relativa ou absoluta? O conhecimento é objetivo ou subjetivo? Que critérios permitem distinguir verdade e erro? Tais questões não pertencem apenas ao campo abstrato da filosofia, mas incidem diretamente sobre currículo, metodologia e formação. Toda educação supõe respostas, ainda que implícitas, a tais perguntas. Nenhum currículo é neutro; nenhuma metodologia é construída sem pressupostos acerca das fontes do conhecimento e dos critérios de verdade.

Nessa perspectiva, a epistemologia adventista rejeita a ideia de neutralidade axiológica do conhecimento e da educação. Toda teoria do conhecimento envolve compromissos ontológicos, antropológicos e valorativos, mesmo quando não explicitados. Cadwallader (2006) destaca que os pressupostos epistemológicos não operam em vazio filosófico, mas se articulam a compreensões prévias da realidade, da verdade e da natureza humana. A própria implantação histórica das escolas adventistas no Brasil confirma essa recusa da neutralidade, pois, conforme Sales e Castro (2020), a identidade confessional foi assumida explicitamente como elemento constitutivo do projeto educacional.

Knight observa que diferentes correntes filosóficas conferiram maior ou menor peso às diversas fontes do conhecimento. O empirismo privilegiou a experiência sensível; o racionalismo acentuou o papel organizador da razão; a autoridade, a intuição e a observação da natureza também ocuparam posições relevantes no processo de conhecer. Contudo, todas essas vias se mostram vulneráveis ao erro, à parcialidade e à má interpretação quando recebidas e

maneja­das pelo ser humano. Essa constatação não leva ao ceticismo, mas à necessidade de critérios.

Nesse contexto, as teorias clássicas da verdade ajudam a delimitar o problema. A teoria da correspondência associa a verdade à conformidade entre enunciado e realidade (Aquino, 2001; Aristóteles, 2002; Russell, 1912); a teoria da coerência enfatiza a consistência interna do sistema de crenças (Russell, 1912); a teoria pragmática vincula o verdadeiro às consequências verificáveis na experiência (Dewey, 1938; James, 1907; Peirce, 1931-1958). Cada uma dessas perspectivas oferece contribuições relevantes, mas, tomadas isoladamente, mostram-se insuficientes diante de uma proposta educacional que envolve também sentido, valor, finalidade e revelação. Por isso, a reflexão epistemológica cristã exige integrar dimensões ontológicas, axiológicas e teológicas na compreensão do conhecer.

A partir daí, a discussão sobre verdade e realidade deixa de ser curiosidade intelectual e passa a tocar o núcleo da formação humana. Ensinar não é apenas transmitir conteúdos, mas formar modos de ler o mundo, distinguir o essencial do periférico e responder responsavelmente à verdade. É justamente nesse ponto que a questão da revelação adquire centralidade para a tradição adventista.

3. Fundamentos da Epistemologia Adventista em George Knight

George Knight mostra que toda cosmovisão estabelece, explícita ou implicitamente, uma hierarquia entre as fontes do conhecimento. Ainda que sentidos, razão, intuição, autoridade, natureza e experiência participem do processo de conhecer, sempre haverá um critério de fundo a partir do qual as demais fontes serão avaliadas. A epistemologia cristã se distingue, nesse ponto, por afirmar a revelação divina, consignada nas Escrituras, como referência normativa para o discernimento da verdade (Knight, 2001).

A reflexão de Cadwallader (2006) harmoniza-se com essa estrutura ao asseverar que a filosofia educacional adventista não se fragmenta em áreas estanques, mas organiza-se a partir de uma ontologia e epistemologia unificadas. Nessa perspectiva, a realidade, a natureza humana e o processo de conhecer são vistos como um todo integrado sob a revelação divina. Essa revelação, portanto, assume um papel normativo e fundante: a Bíblia deixa de ser um mero livro de história da humanidade ou um livro devocional para se tornar o filtro interpretativo de todas as disciplinas.

No ensino de História, por exemplo, a narrativa não se limita à sucessão de fatos sociopolíticos, mas busca compreender os movimentos da humanidade dentro do grande conflito entre o bem e o mal. Nas Ciências Naturais, a observação da complexidade biológica é conduzida sob a premissa de um Criador, e a natureza é lida como o “segundo livro de Deus”. Conforme apontam Sales e Castro (2020), essa centralidade das Escrituras, amplamente enfatizada por Ellen G. White, foi o fundamento da formação e da organização educacional adventista.

É imperativo notar, contudo, que essa primazia bíblica não conduz ao obscurantismo nem ao isolamento intelectual. Pelo contrário, a perspectiva defendida por George Knight ressalta que a educação adventista valoriza a pluralidade de vias de acesso ao saber, desde que integradas corretamente. Knight não preconiza o abandono da razão lógica, o silenciamento da experiência empírica ou o descrédito da investigação científica. A questão central é a insuficiência dessas fontes quando desconectadas de um fundamento absoluto. E onde está a fragilidade dessas fontes isoladas?

A razão pode tornar-se circular ou ser usada para justificar sistemas éticos puramente utilitaristas que ignoram a dignidade intrínseca do ser humano. A experiência é inerentemente subjetiva; sentimentos e percepções sensoriais podem ser enganosos (como ocorre em ilusões de ótica ou em vieses emocionais que distorcem o julgamento). A ciência, embora possa descrever o *como* das coisas, tem limitações para explicar o *porquê* e o *para quê*, além de produzir conhecimento em constante revisão. Quanto à autoridade, a tradição humana pode perpetuar preconceitos e equívocos históricos se não for submetida a uma crítica externa.

Portanto, a epistemologia adventista propõe uma hierarquia colaborativa. Todas essas vias – ciência, razão e experiência – possuem um valor intrínseco e são dons divinos, mas necessitam da Revelação como o padrão que lhes confere direção, significado e, sobretudo, um limite ético e teleológico. Sem esse princípio orientador, o conhecimento torna-se um acúmulo de dados sem um propósito que transcenda a existência material.

Neste cenário, a ciência não pode ser vista como contraponto à Revelação, mas como uma ferramenta fundamental de exploração da realidade criada. O fato de o conhecimento científico possuir um caráter histórico e metodológico não pode ser desconsiderado; ao contrário, confere-lhe a dignidade de ser um corpo vivo de saber, sempre aberto ao aperfeiçoamento. Ao dialogar com Karl Popper (2008), percebe-se que a ciência avança por meio de um ciclo contínuo de conjecturas e refutações. Para Popper, uma teoria só é científica se puder ser testada e, potencialmente, falseada.

Essa característica de “provisoriidade” das teorias não deve ser confundida com ceticismo ou negação da verdade. Ela reflete a humildade necessária diante da vastidão do cosmos e das limitações da percepção humana.

Como exemplo, pensemos na evolução dos modelos atômicos. Do modelo de Dalton ao modelo quântico atual, a ciência não estava “errada” em cada etapa; ela estava produzindo explicações que eram as melhores possíveis para os dados disponíveis naquele momento. A epistemologia cristã abraça essa dinâmica da ciência na elaboração de explicações provisórias, considerando que a verdade absoluta reside em Deus e em Sua revelação, enquanto as formulações científicas são aproximações humanas, parciais e metodologicamente revisáveis dessa mesma realidade.

Essa perspectiva epistemológica tem implicações profundas no cotidiano escolar. Se a Bíblia é estabelecida como o referencial primário e o critério último de veracidade, a organização da prática educativa, que envolve currículo, metodologias e processos avaliativos, deixa de ser uma mera resposta a pressões externas. A educação não pode ser escrava apenas de exigências técnicas, flutuações das “tendências pedagógicas do momento” ou das demandas pragmáticas do mercado de trabalho.

Embora o mercado e as tendências acadêmicas devam ser considerados para garantir que o aluno seja proativo na sociedade, eles jamais podem assumir o papel de fundamento. Ou seja, quanto ao currículo, em vez de ensinar ética apenas como uma ferramenta para evitar processos judiciais ou para atender a uma demanda de mercado, a educação adventista fundamenta a ética na responsabilidade bíblica de servir à sociedade. Quanto às metodologias, o uso da tecnologia em sala de aula não é adotado simplesmente por ser uma tendência moderna, mas é avaliado à luz do desenvolvimento do caráter e do impacto nas relações interpessoais.

Consequentemente, a missão do educador adventista transcende o domínio dos conteúdos e das competências necessárias ao ensino. Espera-se do educador uma consciência epistemológica aguçada: ele deve ser capaz de identificar os pressupostos filosóficos presentes nos livros didáticos e nas teorias que ensina. O professor atua como um mediador que ajuda o

aluno a discernir entre o que é um dado científico provisório, o que é uma inferência filosófica e o que é o fundamento eterno da Palavra de Deus.

4. Ellen G. White e a Tríade Formativa do Conhecimento

Se, em Knight, encontramos um esforço mais sistemático de explicitação dos fundamentos epistemológicos da educação cristã, em Ellen G. White encontramos uma formulação sintética de extraordinária densidade:

A capacidade de discernir entre o que é reto e o que não o é, podemos possuí-la unicamente pela confiança individual em Deus. *Cada um deve aprender por si, com auxílio Dele, mediante a Sua Palavra.* A nossa capacidade de raciocinar foi-nos dada para que a usássemos, e Deus quer que seja exercitada (White, 2008, p. 187, grifo nosso).

A proposição *cada um deve aprender por si, com o auxílio Dele, mediante a Sua Palavra* afasta dois extremos recorrentes na história da educação: de um lado, a ideia de que o conhecimento seja algo simplesmente depositado no sujeito por uma autoridade externa; de outro, a ideia de que o sujeito produza a verdade a partir de si mesmo. A formulação de White sugere outro caminho: o conhecimento supõe participação pessoal, dependência de Deus e centralidade da Palavra.

O primeiro elemento da tríade – “aprender por si” – confere ao aprendiz um lugar de responsabilidade irrenunciável. White (2008, p. 17) reforça que a verdadeira educação deve formar os jovens “para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem”. O conhecimento não pode ser buscado em lugar do aluno, nem transferido mecanicamente de uma mente a outra. Isso não significa isolamento ou desprezo pelo papel do professor, mas afirma que a apropriação da verdade exige participação pessoal. Em termos pedagógicos, esse princípio aponta para a necessidade de hábitos de estudo, investigação, exercício do juízo e postura ativa diante do conhecimento. Também reconfigura a autoridade docente: o professor não substitui a busca do aprendiz, mas a orienta e favorece.

O segundo elemento – “com o auxílio Dele” – impede que a responsabilidade do aprendiz seja vista como uma atividade individualista ou autossuficiente. Conhecer não é apenas um ato da mente, mas também um movimento de confiança, humildade e abertura à ação de Deus. A aprendizagem não se esgota em esforço intelectual, técnica metodológica ou competência cognitiva. A oração não substitui o estudo, mas o qualifica. O conhecimento, nessa perspectiva, envolve ordenação interior da razão, da consciência, da vontade e do caráter diante de Deus (Jennings, 2010). Tendo em vista o auxílio divino para a educação, a intermediação se torna possível pela ação do Espírito Santo:

O Espírito Santo deve ser o instrutor. Se os professores abrirem o coração para receber este Espírito, estarão preparados para ser coobreiros de Deus. [...] O Espírito Santo é o canal pelo qual a sabedoria e o conhecimento divinos são comunicados ao homem (White, 2007, p. 441).

O terceiro elemento – “mediante a Sua Palavra” – introduz o critério e a mediação fundamentais. A Palavra de Deus não aparece apenas como conteúdo moral ou espiritual, mas como mediação indispensável para o discernimento entre o que é reto e o que não é. Isso não significa reduzir todo conhecimento à repetição de textos bíblicos, mas reconhecer que a Bíblia oferece o horizonte maior de interpretação da realidade, da história, da finalidade da existência e da verdade. A centralidade da Palavra exige, porém, leitura responsável, exame, comparação,

contexto e discernimento. Um dos grandes desafios da educação adventista é justamente não apenas afirmar a Bíblia como fundamento, mas aprender a pensar e ensinar mediante ela.

Tomados em conjunto, os três elementos da tríade configuram uma proposta epistemológica coerente: o conhecimento é pessoal, mas não individualista; depende de Deus, mas não dispensa o esforço humano; é mediado pela Palavra, mas não exclui a investigação das demais fontes do saber. Essa tríade oferece, assim, um eixo fecundo para pensar currículo, metodologia, papel docente, aprendizagem discente e finalidade formativa.

5. Implicações para Currículo, Metodologia e Formação

Se a proposição de White for tomada em toda a sua seriedade, então não estamos apenas diante de um conselho devocional, mas de um princípio com implicações diretas para currículo, metodologia e formação. A noção de cosmovisão exerce, nesse quadro, função estruturante. Moldada pela narrativa bíblica da criação, queda, redenção e restauração, ela oferece unidade interpretativa à proposta educacional adventista, articulando conhecimento, realidade, valores e finalidade formativa. Conforme Sales e Castro (2020), o projeto educacional adventista vem sendo compreendido à luz dessa narrativa e vinculado à preparação do ser humano para o serviço, para a vida e para a eternidade, o que evidencia a dimensão teleológica da proposta.

À luz dos princípios sistematizados por Cadwallader (2006), essa integração pode ser compreendida como resposta direta e necessária ao dualismo ocidental herdado do Iluminismo, que tende a separar o sagrado do secular. Para o autor, a epistemologia adventista recusa radicalmente essa fragmentação entre esferas supostamente inconciliáveis do saber. O autor argumenta que a fé não é um componente opcional que se adiciona à razão, mas o próprio ponto de partida pressuposicional que dá sentido ao esforço intelectual. Segundo sua perspectiva, a integração ocorre quando o estudante e o professor utilizam a cosmovisão bíblica como o filtro ou a lente através da qual todas as disciplinas, da biologia à economia, são examinadas e interpretadas.

Essa postura exige o que Cadwallader denomina de *intencionalidade pedagógica*: o currículo não é neutro e, portanto, deve ser deliberadamente estruturado para revelar a soberania de Deus na ordem natural e humana. Historicamente, esse princípio foi o motor da consolidação do sistema educacional adventista, influenciando não apenas o conteúdo das aulas, mas a própria atmosfera das instituições, onde a organização curricular e a finalidade educativa convergem para o desenvolvimento da cidadania terrena e celestial.

Nesse sentido, a contribuição de Sales e Castro (2020) corrobora essa visão ao demonstrar que, na tradição adventista, o desenvolvimento intelectual jamais é visto isoladamente. A formação moral, a espiritualidade profunda e o preparo para as atividades práticas da vida são compreendidos como dimensões indissociáveis de uma mesma proposta de formação integral, o *holismo* pedagógico. Assim, a integração entre fé e ensino deixa de ser uma estratégia didática para se tornar uma postura epistemológica, na qual o conhecimento da verdade é inseparável do compromisso com o Criador e do serviço ao próximo.

No plano curricular, a organização do saber transcende a mera distribuição de carga horária ou o cumprimento de diretrizes burocráticas. Isso significa que a seleção de conteúdos não pode obedecer passivamente a critérios de extensão enciclopédica, tradição disciplinar ou exclusivamente a pressões de exames externos e mercadológicos. Na epistemologia adventista, o currículo é compreendido como uma seleção deliberada de cultura e valores; toda escolha curricular pressupõe, portanto, um juízo axiológico sobre o que possui valor eterno e o que é meramente efêmero.

O desafio do gestor e do educador é distinguir entre o conhecimento que apenas acumula informações e o saber que edifica o ser. Sob esta ótica, o currículo deve ser submetido a um filtro rigoroso. Algumas perguntas precisam ser respondidas: O conteúdo promove o equilíbrio entre as faculdades mentais, físicas, sociais e espirituais? Em vez de uma leitura superficial de muitos temas, não seria mais benéfico privilegiar a imersão naqueles princípios que estruturam o caráter e o pensamento crítico? O saber em pauta capacita o estudante para o serviço? O conhecimento que não se traduz em benefício ao próximo ou em compreensão do plano divino perde sua razão de ser educativa.

Em uma sociedade contemporânea marcada pelo excesso paralisante de informação, o papel da escola muda de “transmissora de dados” para um centro de discernimento. O problema fundamental do século 21 não é mais o acesso ao conhecimento, mas a capacidade de navegar no oceano informativo sem perder a bússola moral e a identidade vocacional.

Neste contexto, o currículo adventista deve atuar como um filtro epistemológico. Se o aluno é incentivado a ser um *investigador* e não um *mero refletor*, o currículo deve oferecer as ferramentas conceituais para que ele questione os pressupostos das teorias que estuda. Isso implica que o centro da formação não deve estar no acúmulo de fatos, mas no desenvolvimento da sabedoria, isto é, da habilidade de aplicar a verdade de Deus às complexidades da vida prática.

Portanto, a tarefa de selecionar o que ensinar torna-se um ato de administração fiel do tempo e do potencial do estudante. Um currículo verdadeiramente adventista é aquele que:

- Prioriza princípios sobre dados isolados, permitindo que o aluno construa uma cosmovisão coerente.
- Conecta a sala de aula às necessidades reais do mundo, transformando a teoria em utilidade prática e preparo para a missão.
- Resiste à fragmentação do saber, integrando cada disciplina no grande panorama da Revelação divina.

Conclui-se que a consciência dos pressupostos que orientam a prática docente é o que impede que o currículo se torne um “espaço ocupado” sem propósito. A tarefa do educador é garantir que cada minuto em sala de aula contribua para o horizonte maior: a restauração da imagem de Deus no educando e seu preparo para uma vida de serviço significativo.

No plano metodológico, o postulado de que o aluno deve “aprender por si” redefine o ecossistema da sala de aula. O processo de ensino deixa de ser uma via de mão única, marcada pela transmissão de conteúdos prontos, e passa a constituir um ambiente de cocriação e descoberta. Isso exige o desenho de estratégias que estimulem o estudante a investigar fenômenos, relacionar variáveis históricas, interpretar textos em sua profundidade, formular perguntas relevantes e, sobretudo, examinar criticamente os pressupostos ocultos nas teorias seculares.

Entretanto, essa autonomia não é um fim em si mesma, mas uma autonomia dependente. “O auxílio Dele”, mencionado por White, atua como um corretivo epistemológico à autossuficiência da razão humana.

Enquanto a pedagogia construtivista secular pode, por vezes, elevar a razão humana ao status de autoridade final, a metodologia adventista introduz a humildade intelectual como uma virtude cognitiva. A verdadeira aprendizagem requer uma disposição espiritual, a *metanoia*, ou mudança de mente, que permite ao aluno estar aberto à correção divina e sensível à voz do Espírito Santo durante o estudo.

Essa compreensão metodológica desloca o professor de sua posição tradicional de detentor do saber. Ele deixa de ser um mero expositor para assumir as funções de mediador, orientador e, fundamentalmente, testemunha. Como mediador, cabe-lhe selecionar os

conceitos estruturantes, aqueles grandes temas que servem de âncora para o conhecimento, e organizar percursos de aprendizagem que desafiem o intelecto sem descuidar do coração.

A contribuição de Vidal (2017) torna-se central aqui: a aprendizagem significativa não ocorre por acúmulo, mas por integração.

- Aquisição: O contato inicial com o dado científico ou histórico.
- Relação: A conexão desse dado com a cosmovisão bíblica. Como este fato se alinha ao plano da Redenção?
- Aplicação: O uso do conhecimento para resolver problemas reais e servir ao próximo.

O professor ajuda o estudante a distinguir o essencial, aquilo que tem valor eterno e formativo, do periférico, isto é, dos dados instrumentais ou momentâneos. O conhecimento só atinge sua estatura plena quando deixa de ser um arquivo mental disperso e passa a integrar uma estrutura de compreensão capaz de orientar a leitura crítica da realidade e a ação ética no mundo.

Por fim, a educação adventista recusa o reducionismo técnico. Embora busque a excelência acadêmica, ela não se contenta em produzir apenas profissionais tecnicamente competentes para atuar no mercado de trabalho. O seu horizonte é a teleologia da restauração: a reconstrução da imagem de Deus no ser humano por meio de uma educação que integre lucidez intelectual e compromisso missionário. Currículo, metodologia e formação deixam de ser instâncias isoladas e passam a constituir desdobramentos concretos de uma compreensão do conhecimento que une busca pessoal, dependência de Deus, centralidade da Palavra e leitura responsável da realidade.

6. Síntese Propositiva

À luz do percurso desenvolvido, alguns elementos podem ser reunidos para uma sistematização preliminar da epistemologia da educação adventista.

Primeiro, o conhecimento não é neutro, autônomo nem puramente instrumental; seu caráter é relacional. Conhecer significa participar de um processo no qual o sujeito se coloca diante da verdade, da realidade, de Deus, da Palavra e do outro.

Segundo, a busca do conhecimento ocorre em um contexto marcado pelo grande conflito. A epistemologia adventista não se desenvolve em um universo abstrato e neutro, mas em um mundo atravessado por disputas de sentido, falsas leituras da realidade e tentativas concorrentes de definir verdade, liberdade, progresso e bem. Por isso, o ato de conhecer envolve também discernimento moral e espiritual.

Terceiro, a tríade de White – aprender por si, com o auxílio Dele, mediante a Palavra – oferece uma arquitetura epistemológica condensada. Nela se articulam responsabilidade pessoal, dependência de Deus e centralidade da revelação. Quarto, a epistemologia adventista afirma a existência de verdade objetiva fundada em Deus, ao mesmo tempo em que reconhece a limitação humana em sua apreensão e a abertura metodológica de muitas formulações científicas. Quinto, todas as fontes do conhecimento precisam ser postas em relação com um critério maior: a Palavra. Isso permite valorizar razão, experiência e ciência sem absolutizá-las.

Dessas premissas decorrem princípios educacionais decisivos: o currículo deve ser orientado por finalidades formativas; a metodologia deve favorecer a busca significativa, a apropriação pessoal e a integração entre teoria e prática; a formação precisa abarcar dimensões intelectual, moral, espiritual e relacional. A finalidade última da educação adventista não se reduz ao desempenho acadêmico ou à inserção profissional, mas visa ao desenvolvimento harmonioso do ser humano para esta vida e para a eternidade.

7. Considerações Finais

O percurso investigativo trilhado neste estudo procurou demonstrar que a epistemologia da educação adventista não constitui uma dimensão periférica ou um mero adendo confessional, mas revela-se como o núcleo estruturante e a matriz fundante de toda a sua prática educativa. Ao revisitar questões filosóficas fundamentais e examinar a densa contribuição de George Knight, em articulação com a tríade formativa de Ellen G. White, tornou-se possível delinear uma arquitetura do conhecimento que é intrinsecamente relacional, dependente da revelação divina e profundamente consciente das limitações inerentes à condição humana. Tal matriz não flutua no campo das ideias abstratas; ela repercute diretamente na organização do currículo, na seleção de metodologias ativas e na definição de uma finalidade formativa que transcende o tempo presente.

A centralidade da revelação, a defesa da unidade da verdade e a integração entre fé e ensino não são apenas conceitos teóricos; elas representam a rejeição deliberada de uma neutralidade epistemológica muitas vezes ilusória. Como observado, essa cosmovisão configura uma tradição intelectual e institucional historicamente consolidada. Conforme reforçado por Sales e Castro (2020), os princípios educacionais adventistas contribuíram para orientar decisões institucionais, projetos curriculares e práticas formativas, favorecendo a preservação de uma identidade educacional confessional em diálogo com os desafios de cada contexto histórico.

Se o conhecimento é, por natureza relacional, exigindo participação pessoal ativa, o auxílio constante do Instrutor divino e a mediação normativa da Palavra, então as instâncias do currículo e da metodologia não podem ser reduzidas a uma chave técnica, burocrática ou meramente funcional. A educação, sob esta ótica, deixa de ser uma transação de informações para tornar-se uma experiência de transformação. Embora a sistematização aqui proposta esteja em contínuo desenvolvimento, ela pretende contribuir para uma maior coerência entre a identidade confessional e o rigor intelectual. Em um tempo marcado pela fragmentação do saber, pelo relativismo ético e pela disputa acirrada em torno dos critérios de verdade, pensar a educação em termos epistemológicos não é apenas um exercício acadêmico, mas um imperativo categórico e uma tarefa urgente para a preservação da missão institucional.

Portanto, reafirma-se que a epistemologia adventista sustenta e viabiliza a proposição de um currículo integral e restaurador. Este modelo orienta-se para a formação plena do ser humano em suas dimensões intelectual, moral, espiritual, física e social, sem hierarquizações que negligenciem a totalidade do indivíduo. Sua finalidade última, por conseguinte, não se restringe à produção de profissionais tecnicamente competentes para o mercado de trabalho, mas vincula-se ao horizonte teleológico da restauração da imagem de Deus na humanidade. É este propósito transcendente que confere unidade, sentido e perenidade ao projeto educacional adventista, estabelecendo a educação não apenas como um preparo para a cidadania terrena, mas como o início de um aprendizado que se estende pela eternidade.

Referências

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2002.

AQUINO, T. **Suma Teológica**. Tradução de Alexandre Corrêa. São Paulo: Loyola, 2001.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

CADWALLADER, E. M. **Filosofia básica da educação adventista**. Engenheiro Coelho, SP: Centro de Pesquisas Ellen G. White, 2006.

DEWEY, J. **Logic**: The Theory of Inquiry. Nova York: Henry Holt, 1938.

JENNINGS, T. R. **Simples demais**: uma abordagem bíblica da saúde e da mente. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

JAMES, W. **Pragmatism**: A New Name for Some Old Ways of Thinking. Nova York: Longmans, Green, and Co., 1907.

KNIGHT, G. R. **Filosofia & educação**: uma introdução da perspectiva cristã. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2001.

PEIRCE, C. S. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958.

POPPER, K. R. **Conjecturas e refutações**: o progresso do conhecimento científico. Tradução de Sérgio Bath. 5. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

RUSSELL, B. **The Problems of Philosophy**. Oxford: Oxford University Press, 1912.

SALES, G. G. P.; CASTRO, R. M. O protagonismo de Ellen G. White no projeto educacional cristão adventista no Brasil. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 20, n. 64, p. 462-479, jan./mar. 2020.

VIDAL, L. L. **A elaboração de mapas conceituais como estratégia de ensino-aprendizagem**. 2017. 164 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

WHITE, E. G. **Educação**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

WHITE, E. G. **Conselho aos pais, professores e estudantes**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.